



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17958 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

"Venha conhecer a história dessa travesti guerreira!" e suas "(r)existências" na roça e na educação

Romário Silva Jorge - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

## **“VENHA CONHECER A HISTÓRIA DESSA TRAVESTI GUERREIRA!” E SUAS “(R)EXISTÊNCIAS” NA ROÇA E NA EDUCAÇÃO**

---

### **1 INTRODUÇÃO: AS SEMENTES E AS TÉCNICAS DO PLANTAR**

O texto que ora apresentamos resulta de uma pesquisa de mestrado defendida em junho de 2024, a qual foi gestada a partir da seguinte pergunta: De que modo os obstáculos educativos enfrentados por Janaina Silva, jovem travesti da roça, implicaram em sua experiência de humanização/subjetivação?

Tomados por uma “curiosidade epistemológica” (Freire, 1996), elaboramos três objetivos específicos: a) discutir sobre as relações de gênero e sexualidade na educação, com ênfase para as experiências de pessoas travestis; b) descrever os desafios enfrentados por uma jovem travesti da roça em seu percurso educativo e c) analisar os efeitos de sentido provocados por esses desafios em seu processo de humanização/subjetivação.

Na procura por respostas, os procedimentos teórico-metodológicos ditos pós-críticos se mostraram mais adequados, vez que incitam modos alternativos de pensar-fazer pesquisa, realizam “[...] substituições, rupturas e mudanças de ênfases em relação às pesquisas críticas” (Paraíso, 2004, p. 284). Pesquisar pós-criticamente remonta ao fato de que “não temos uma única teoria a subsidiar

nossos trabalhos, [...] não temos um único método a adotar” (Paraíso, 2012, p. 33).

Em virtude das especificidades do objeto, a “bricolagem” emergiu como ferramenta teórico-metodológica. Para Caldeira e Paraíso (2016), ao arquitetar as estratégias metodológicas, os pesquisadores operam com o duplo movimento de recorte e colagem, lançando mão de “[...] tudo que serve para nos informarmos sobre nosso objeto, para encontrarmos um caminho e as condições para que algo de novo seja produzido” (Paraíso, 2021, p. 35). Assim, bricolamos pensamentos do francês Michael Foucault e do brasileiro Paulo Freire, com o argumento de que há afinanças em seus debates acerca dos sistemas de opressão e seu poder de governar condutas, reforçar as injustiças e invisibilizar a diferença.

Partimos do entendimento de que, nas escolas onde a nossa interlocutora estudou, o currículo atuou como “acontecimento discursivo” que se efetivou no âmbito da materialidade e gerou efeitos de sentido em sua constituição identitária. Efeitos de sentido podem ser compreendidos como o resultado de tais acontecimentos, capazes de refletir na tomada de decisões e na mudança de atitudes, a exemplo da criação das contra-condutas (Foucault, 2006), ato coerente com o propósito da luta pela emancipação, bastante debatida nas obras de Freire (1996; 2018).

Esses autores concatenam, ainda, com o entendimento de que a escrita oportuniza a criação de si. Nesse sentido, para a produção dos dados, solicitamos da participante a escrita de cartas, gênero textual capaz de abrir espaço para o diálogo e para a “(est)ética da existência” (Foucault, 1999; Freire, 2018). Realizou-se, ainda, entrevistas episódicas *online* com o intuito de aprofundar aspectos sumariamente apresentados e as contradições identificadas no ato da leitura. A análise das cartas, figuras e áudios encaminhados por Janaína Silva, das suas escrevivências, se deu pelas lentes da Análise do Discurso foucaultiana.

N o *Desenvolvimento* deste texto, debulhamos os frutos-resultados da empreita investigativa em três subseções que se complementam e traduzem as discussões feitas em cada um dos artigos que compõem o relatório da pesquisa, que foi organizado no formato *multi-paper*. Ao fazê-lo, brincamos com as palavras e com o campo semântico do plantar e colher, práticas que marcam o cotidiano de quem nasceu e cresceu na roça – a exemplo de nós, pesquisadores/as, e de Janaína Silva, sujeito da pesquisa, que nos convida: “*Venha conhecer a história dessa travesti guerreira!*”<sup>[1]</sup>.

## 2 DESENVOLVIMENTO: OS FRUTOS DO PLANTIO

## 2.1 Frutos do Artigo 1

Qualificado como uma Revisão Bibliográfica, o primeiro artigo, intitulado *Gênero, sexualidade e educação: um olhar para os “anormais” e os sistemas de opressão na escola*, mostrou que a Educação, através dos seus discursos pedagógicos (Foucault, 2006), se converte em um palco “em que as normas reguladoras do gênero marcam sua presença para ensinar o certo, o errado, o adequado, o inadequado, o normal, o anormal, o estranho e o “abjeto” em relação às condutas de gênero” (Paraíso, 2016).

Freire e Foucault ensinam que a sociedade é repleta de forças-discursos que refletem o contexto sócio-histórico, político e econômico. Os sentidos que as sociedades atribuem às identidades sexuais e de gênero se convertem em tentáculos discursivos que abraçam todas as instituições. Na escola, eles passam a operar por meio de saberes-poderes convertidos em um currículo que ensina modos específicos de ser-estar no mundo. Esse sistema de opressões cria barreiras para estudantes LGBTI+ e outros grupos menos favorecidos, ao mesmo tempo, desperta a desobediência à ordem estabelecida. Nessa disputa político-ideológica e discursiva, os sujeitos passam pelo processo de subjetivação e humanização

Em linhas gerais, o referido artigo apontou para um movimento contra as fronteiras e para além delas, por sabermos que “é esse o movimento que transforma a educação na prática da liberdade” (Hooks, 2013, p. 24). Foi com essa abertura, a partir das articulações ditas impossíveis, que aprendemos que “faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação” (Freire, 1996, p. 36). Que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de opressão, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar” (Foucault, 2006, p. 10).

## 2.2 Frutos do Artigo 2

Por sua vez, o artigo intitulado *Travestilidades e/na educação: uma cartografia das produções nos Programas de Pós-graduação do Brasil*, consistiu em um Estado do Conhecimento que objetivou verificar as tendências que permeiam as produções nos Programas de Pós-graduação (PPGs) *Stricto Sensu* do Brasil, tendo como recorte temático as experiências escolares de uma dessas identidades-monstro: as travestis.

Elegemos como fontes de consulta o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro

de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A busca compreendeu o período entre 2004, ano em que foi instituído o Dia da Visibilidade Trans, e 2022, ano em que a pesquisa começou a ser esboçada. Recorremos aos descritores *Travesti e Educação*, combinados ao operador booleano AND.

Ao garimparmos as bases, encontramos um total de 182 referências, sendo que 29 foram no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e 153 no BDTD/IBICT. Após a leitura dos títulos e resumos e a aplicação dos critérios de exclusão, chegamos a um montante de duas teses e sete dissertações, conforme descrito no Quadro 1.

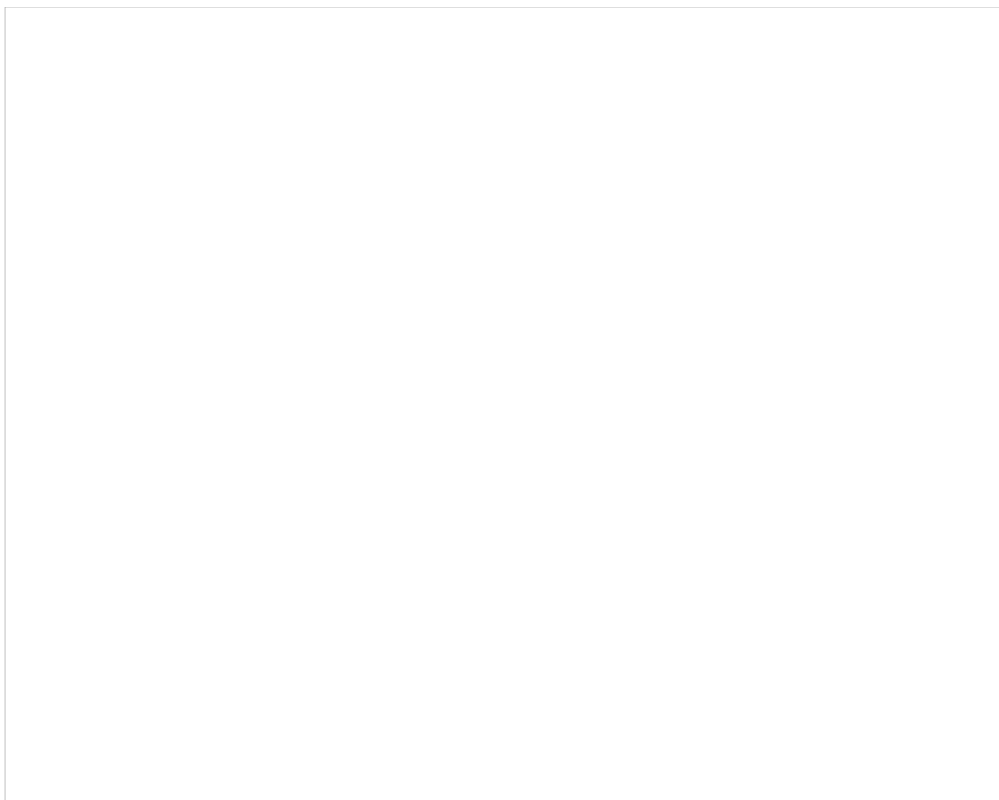
Quadro 1 – Aplicação dos critérios de exclusão

Critérios de Exclusão	Bancos de Dados	
	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	BDTD/IBICT
a. Sem relação direta com a educação básica	14	109
b. Não enfocam a pessoa travesti como sujeito	08	33
c. Estudos repetidos	00	09
d. Apresentam restrições de acesso	03	02
Referências selecionadas e lidas na íntegra à	04	05

Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

Notamos que os trabalhos se concentram nas regiões Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil, onde parece haver mais discussões acerca do tema (ver figura 1).

Figura 1 – Distribuição das produções por região geográfica



Fonte: Cardoso, 2023 (encomendado pelos autores).

Cabe pontuar que o Estado do Conhecimento possui limitações, posto que, possivelmente, outros trabalhos estão sendo desenvolvidos ou, por mais que concluídos, ainda não foram publicizados, o que nos impede de fazer generalização. Diante desse panorama, ousamos apenas a indagar: Quais fenômenos têm instigado os pesquisadores das regiões Nordeste, Sul e Sudeste a voltarem seu olhar para essa temática? Sob quais condições esses estudos foram feitos? De que maneira essas produções têm impactado nas (r)existências travestis na educação básica? Quais fatores têm incidido sobre a ausência de investigações dessa natureza em outras regiões do território brasileiro?

Em síntese, oito, das nove produções, se inserem no rol das pesquisas pós-críticas em educação. Identificamos uma tendência ligada à utilização da abordagem qualitativa e o emprego de várias perspectivas teórico-metodológicas em suas investigações. Dos achados, oito recorreram à Teoria *Queer* e estabeleceram relações com a História oral, a Cartografia, a Etnografia, os Estudos Feministas e os Estudos Culturais. Encontramos ainda uma referência que não se diz pós-crítica e utiliza a Teoria Sociológica de Pierre Bourdieu com método analítico.

Como evidenciam os títulos e os objetos dessas pesquisas (ver tabelas 1 e 2), o que as une é o interesse em trazer à tona as trajetórias escolares de travestis na educação básica, a partir de narrativas singulares e histórias de vida.

Tabela 1 – Produções selecionadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Ano	Tipo	Origem	Autor	Título
2012	Tese	PPG em Educação – Universidade Federal do Ceará (UFC)	ANDRADE, Luma Nogueira de	Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa
2014	Tese	PPG em Educação – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	SILVA, Aline Ferras da	Currículo e diferença: cartografia de um corpo travesti
2016	Dissertação	PPG em Educação – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	ACOSTA, Tássio	Morrer para nascer Travesti: performatividades, escolaridades e a pedagogia da intolerância.
2018	Dissertação	PPG em Ensino – Universidade Federal Fluminense (UFF)	JUNIOR, Waldyr Barcellos	Trajetórias escolares das travestis do interior: história, (des)aprendizagens e educação

Fonte: elaborada pelos autores, 2023.

Tabela 2 – Produções selecionadas no BDTD/IBITC

Ano	Tipo	Origem	Autor	Título
2009	Dissertação	PPPG em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	BOHM, Alessandra Maria	Os “monstros” e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis
2012	Dissertação	PPG em Educação para a Ciência e a Matemática – Universidade Estadual de Maringá (UEM)	SHIMURA, Joyce Mayumi	Memórias escolares de travestis: a formação dos sujeitos nos discursos da ciência
2014	Dissertação	PPG em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	BARROS, Daniela Torres	A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistências
2014	Dissertação	PPG em Educação Escolar – Universidade Estadual Paulista (UNESP)	OLIVEIRA, Carina Dantas de	Travestilidade e juventudes: conteúdos submersos no contexto escolar
2017	Dissertação	PPG em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará (UFC)	GOMES FILHO, Antoniel dos Santos	Experiências educacionais e sociais de travestis no Ceará: um estudo comparado em Juazeiro do Norte e Canindé

Fonte: elaborada pelos autores, 2023.

Até o momento, o número de teses e dissertações explorando as experiências escolares de sujeitos travestis é bastante insipiente, sobretudo quando se tem em mente que nossas buscas compreenderam o período de 2004 a 2022, perfazendo um total de 19 anos de um quase silêncio.

Tememos que a pouca incidência de pesquisas desenvolvidas *sobre* e *com* as pessoas travestis, a respeito de suas trajetórias na educação básica, seja o reflexo de um problema ainda maior: o fortalecimento de um sistema de exclusões capaz de assassiná-las (física e psicologicamente), jogando-as cada vez mais para os cantos inabitáveis e, contraditoriamente, com o reforço dos currículos escolares.

### 2.3 Frutos do Artigo 3

No artigo 3, intitulado *(Escre)vivências educativas de uma jovem travesti da roça*, voltamos o nosso olhar para as narrativas de Janaína Silva, indagando: o que comunica o corpo de uma jovem travesti? Quais experiências, desafios e encontros educativos marcam a construção desse gênero inteligível no contexto rural?

Envolta, desde o nascimento, por um conjunto de práticas discursivas que disputam o controle do seu corpo (Foucault, 1999) e o condicionamento de seus dizeres e fazeres (Freire, 1996) – conforme significados expressos em um contexto em que ainda paira o imaginário do homem viril, responsável pelo roçado, em contraponto à mulher, cuidadora da casa e da família – essa jovem travesti da roça encontrou muitos obstáculos para fazer uma escrita de si. Obstáculos estes que estiveram presentes também na escola e geraram efeitos de sentido entremeados pela construção de uma “ética de existência subversiva” (Ramos do Ó; Aquino, 2014).

Ao recordar sua infância, Janaína destacou: *“meu sonho [...] era ter uma boneca. Pedia minha mãe e nunca recebi. Lembro como hoje, aquele menino pequeno, [...] querendo uma boneca para brincar. Isso na faixa dos 8 a 10 anos”*. Ela não seguia “o padrão normativo” e se permitia, ainda que pelo dispositivo do faz-de-conta, experienciar papéis atribuídos às meninas com as quais brincava. Contudo, fazê-lo no contexto rural foi muito difícil: *“Não é fácil ser LGBT e ainda morando na roça, um povoado pequeno [...]”*.

Para a participante, a roça não é apenas um local de trabalho, é também um espaço de sociabilidade: *“Aqui o povo costuma jogar futebol nos finais de semana, ir às festas religiosas, participar de cavalgadas, frequentar bares e casa de amigos”*. Embora sejam espaços e momentos que promovem a diversão e o contato entre as crianças, jovens, adultos e idosos rurais, ela disse que não participa desses acontecimentos, prefere *“aproveitar a natureza”* ou *“ficar no quarto estudando”*: *“Às vezes participo, mas não gosto muito de festas e jogos. Não me sinto bem com alguns olhares”*.

“Ser travesti” e “ser da roça”, nesse caso específico, são dois aspectos que se entrecruzam e estampam um modo insubordinado de existência interpelado pela linguagem. Uma invenção de si que foi ganhando contornos maleáveis diante da “consciência do inacabamento” (Freire, 1996), da possibilidade de fazer escolhas mais ou menos livres e forjar-se subjetivamente, conforme mostra a figura 2.

Figura 02 – Momentos da (trans)formação de Janaina Silva



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

No que se refere à trajetória escolar, findada a experiência no *‘primário’*, *“período escolar que foi normal”* para Janaína, chegou o momento de transição para outro segmento, os anos finais do Ensino Fundamental e, com ele, a necessidade de se deslocar para a comunidade quilombola do Tejuco, onde passou a estudar do sexto ao nono ano e, por conseguinte, o Ensino Médio. Sobre isso, ela nos diz: *“[...] em 2012 fui estudar no Tejuco, mas lá era totalmente diferente, meu jeito sempre era motivo de pirraça e chacota”*. E complementa: *“[...] foi um período onde meus trejeitos foram muito revelados e mal vistos pelos alunos [...] . Muitos julgavam – Ah é o viado! - A bichinha da Cruz! Esses e outros pronomes que ouvia o tempo todo e me doía [...]”*.

A trajetória escolar dessa jovem travesti da roça foi marcada, ainda, pelos flertes e sarradas no recreio, pela expressão dos afetos e desejos que, por sua vez, implicaram em seu processo de humanização/subjetivação: *“Fui me descobrindo cada vez mais, tendo experiência com os meninos, umas brincadeiras de criança que levaria a querer mais e acabar gostando daquilo”*.

Mesmo com tantos desafios, Janaína conseguiu concluir a educação básica. Pode-se dizer que, para ela, o diploma significa *“[...] um comprovante de que sim, finalmente ela conquistou”*, além da porta de entrada para a realização de outros cursos, para o empreendimento de outras conquistas: *“Foi com ele que consegui entrar na minha universidade particular”*. Hoje, ela cursa licenciatura em Geografia por uma Instituição de Ensino Superior (IES) da esfera privada, custeada com recursos advindos da venda de bolos: *“[...] já quitei todas as mensalidades, sempre vendi bolos de pote, bolos confeitados, salgados e nisso fui juntando o valor”*.

Janaína externou o seu temor quanto às perspectivas profissionais, pois reconhece que a sociedade é LGBTIfóbica e fecha as portas para sua entrada no mercado de trabalho: *“Sempre fui atrás de oportunidades, tanto no ramo da educação, quanto nas outras áreas de atuação. Sempre fui atrás, mas sabendo que sempre existiria preconceito, homofobia e transfobia no meio”*. Apesar de tudo isso, ela acredita na possibilidade de mudança, *“Afinal, a educação acolhe e emancipa [...] . Precisamos viver e não ter a vergonha de ser feliz!”*.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SEMENTES LANÇADAS AO VENTO

A pesquisa mostrou que as provas-desafios encontradas por Janaína Silva em sua trajetória escolar geraram, como efeito de sentido, uma tardia composição do corpo feminino. Ao mesmo tempo, incitaram “rebeldias” que contribuíram para a sua permanência na escola. Em síntese, o estudo sugere a valorização das narrativas de sujeitos LGBTI+, a superação das fronteiras epistemológicas e dos discursos político-ideológicos que inibem a educação como prática da liberdade.

Bem mais que respostas, este trabalho instiga a abertura de “covas” mais profundas, a semeadura de pesquisas que discutam sobre as questões de gênero e sexualidade na educação, com ênfase para as condições de existência e rebeldias criadas por pessoas LGBTI+ em meio aos discursos que se entrelaçam e dão forma aos currículos, na escola e/ou em espaços não-escolares. Carecemos, ainda, de pesquisas que problematizem e analisem a intersecção entre marcadores sociais (gênero, raça, etnia, etc.), bem como suas implicações nos processos de subjetivação/humanização em contextos rurais.

### REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Maria Carolina da Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves. Etnografia educacional e análise de discurso: uma bricolagem metodológica para pesquisar currículos. **e-Curriculum**, v. 14, nº 4 (2016).

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas; tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. – Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann. PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021, p. 25 – 47.

RAMOS DO Ó, Jorge. AQUINO, Julio Groppa. Em direção a uma nova ética do existir: Foucault e a experiência da escrita. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 28, n. 55, p. 199-231, jan./jun. 2014.

---

[1] Os trechos marcados com os recursos das aspas e do itálico demarcam os excertos extraídos das cartas escritas por Janaína Silva, jovem travesti da roça, natural da comunidade rural de Cruz, município de Palmeiras, Bahia – a qual protagonizou a pesquisa aqui apresentada.